

O ENSINO COLETIVO DE TROMPETE NA ESCOLA DE MÚSICA DA ORQUESTRA SINFÔNICA DE PORTO ALEGRE

Isac Costa Soares
Centro Universitário Metodista IPA
Isac_miles@yahoo.com.br

Nisiane Franklin da Silva
Centro Universitário Metodista IPA
nifranklin@yahoo.com

Leandro Libardi Serafim
UFC/Fortaleza
serafim.caef@gmail.com

Resumo: Este relato descreve experiências vivenciadas no Conservatório Pablo Komlós (Escola de Música da OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre) na classe de trompete, turma avançada, onde as aulas são ministradas em grupo, utilizando uma abordagem de ensino coletivo de instrumentos musicais. Durante dois anos, o autor deste trabalho, também aluno da referida classe, observou aspectos que neste trabalho serão discutidos a luz dos preceitos do ECIM. Destas práticas pedagógicas observou-se, dentre outros, melhoras significativas no que se refere aos: 1) aspectos técnicos como a afinação, articulação, digitação, sonoridade, flexibilidade e fluência; 2) aspectos interpretativos tais como o fraseado, dinâmica e diferenças estilísticas; 3) aspectos comportamentais como a conscientização corporal e espacial, organização dos estudos, criticidade, convivência e compartilhamento de saberes; e 4) aspectos afetivos através da motivação, estabelecimento de vínculos, trocas de experiências, e o desenvolvimento do controle emocional. Conclui-se portanto, a partir de reflexão fundamentada pela bibliografia da área, que o ECIM desenvolvido naquele contexto, ofereceu benefícios substanciais para todos os envolvidos, indiferentemente do nível em que se encontravam, do iniciante ao avançado, comprovando ainda, sua efetividade na formação de músicos orquestrais.

Palavras chave: Educação Musical, ECIM, Trompete.

Introdução

O interesse pelo ensino coletivo de trompete está diretamente vinculado a minha trajetória formativa nesse instrumento. Iniciei meus estudos musicais aos 14 anos de idade em um projeto de ação social ofertado para a comunidade pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Neste projeto, estudei canto, flauta doce e percussão, sempre em aulas coletivas.

Com 19 anos iniciei meus estudos de trompete no Curso Técnico em Música da Escola Sinodal de Teologia (EST). Durante os dois anos e meio que permaneci nesta instituição, frequentei aulas individuais de instrumento.



Em 2013 ingressei na Escola de Música da OSPA na classe de trompete, também em aulas individuais, mesmo ano em que concluí o Curso de Licenciatura em Música no Centro Universitário Metodista IPA.

Em 2014 houve uma mudança no corpo docente da escola da OSPA e o professor que assumiu a classe trouxe outra proposta pedagógica: aulas coletivas de trompete. Essa forma de ensinar e aprender trompete foi aos poucos sendo assimilada pelos alunos, professores e gestão da instituição, que até então utilizava somente o ensino tutorial de instrumento. Tal situação fortalece a afirmação de Santayana (2012), quando esta afirma "que o ensino coletivo de instrumento vem sendo cada vez mais aceito por professores e instituições de ensino no Brasil" (p. 16).

Um dos primeiros ganhos com a adoção do Ensino Coletivo foi a possibilidade de ampliação das vagas, podendo assim, democratizar ainda mais o aprendizado de trompete no estado. Esta expansão é apontada por vários autores como benefício do Ensino Coletivo, mas não é o único, outros ganhos são observados, como podemos ver na citação de Liu Man Ying (2007).

O ensino coletivo de instrumentos, como metodologia, mostrou-se bastante eficaz ao longo dos anos de seu emprego, como forma de atingir um público maior no início de seu aprendizado musical, além de propiciar interação social, despertar maior interesse nos alunos iniciantes e incentivo para continuação dos estudos através da dinâmica estimulante de classe de aula (p. 8).

Completados dois anos dessa prática na Escola de Música da OSPA, percebe-se que os resultados alcançados, vem ampliando o interesse e a reflexão sobre a efetividade de tal formato de ensino-aprendizagem num contexto antes exclusivamente tutorial. Sabe-se que o ECIM tem sido visto por uma parcela de autores, músicos e professores como de menor qualidade e, portanto direcionado unicamente a iniciação musical, porém no contexto em questão, tal formato tem sido utilizado com efetividade para a profissionalização de músicos de diferentes níveis que possam vir a atuar no contexto orquestral profissional.



A Escola de Música da OSPA

A Escola de Música da OSPA foi fundada em 3 de março de 1972, tendo completado neste ano, portanto, 44 anos de existência. Conforme informações obtidas no site da OSPA:

É referência de qualidade no ensino musical no Rio Grande do Sul. Cumpre função fundamental para o fomento cultural no estado: formou, gratuitamente, muitos instrumentistas que hoje integram o quadro de músicos da Ospa ou atuam em outras orquestras, bem como em outras diferentes áreas da música (OSPA, s/d).

A escola oferece aulas gratuitas e tem como público-alvo crianças e jovens de 8 a 25 anos. É uma instituição de ensino “voltada para a formação de músicos de orquestra no estado, oferecendo a estudantes de baixa renda a oportunidade de profissionalização na área” (OSPA, s/d). São oferecidas as seguintes modalidades de instrumento: violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta transversal, oboé, clarinete, fagote, trompa, trompete, trombone, tuba e percussão sinfônica. Além das classes de instrumento, a escola possui uma orquestra sinfônica jovem e grupos de câmara com diferentes formações instrumentais. Ainda de acordo com o site, as aulas de instrumento, de teoria e percepção são ministradas pelos próprios músicos da OSPA.

Os conservatórios tem sido foco de pesquisa em diversas áreas da música, pois representam grande importância na formação de músicos no Brasil. Considerando isso, nos últimos anos a Escola de Música da OSPA tem aberto espaço para que estudantes de música desenvolvam seus trabalhos acadêmicos sobre a instituição. Para Neves (2008), o conservatório:

É um espaço aberto para estudos sobre os processos de ensino e de aprendizagem de música, que podem ser compreendidos através das concepções e das práticas de seus atores, sejam professores, alunos ou equipes diretiva ou administrativa (p. 3).

A Escola de Música da OSPA constitui-se de espaço pedagógico-musical de grande importância na formação de músicos, suprimindo através de seus cursos, as necessidades do mercado de trabalho da música de concerto do estado. Neves (2008) aponta que:



Os conservatórios e as escolas de música demonstram ser instituições importantes para a formação musical da sociedade, e seu conjunto de ideias e práticas pedagógico-musicais exerce um papel fundamental nesse processo (p. 20).

No ensino de trompete, a escola tem importância significativa, pois é uma das únicas instituições do estado que oferecem formação específica nesse instrumento para profissionais que pretendem atuar como músicos de orquestra. Tal instrumento não é contemplado no curso de licenciatura ou bacharelado em música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), assim como nenhum dos outros instrumentos da família dos metais, restando apenas o bacharelado e licenciatura ofertados pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), distante 291 Km da capital.

O ECIM na Classe de Trompete

A proposta de ensino coletivo de trompete foi implantada pelo professor Tiago Linck, que resolveu adotar essa abordagem ao assumir a classe em 2014, após retornar da França, onde estudou por um ano no Conservatoire National à Rayonnement Régional de Nice, com o professor Patrick Carceller.

Ao relatar para os alunos sobre sua experiência em Nice, salientou aspectos positivos que vivenciou em aulas coletivas. Como por exemplo, a resolução de problemas técnicos inerentes a execução do instrumento através da observação do outro, a motivação para os estudos e o fortalecimento da autoconfiança para enfrentar situações de *performance*. Segue abaixo um pequeno trecho de entrevista onde o professor Tiago Linck faz um breve relato sobre as aulas no conservatório francês:

Nesse ano que passei tendo aulas com o Patrick, tínhamos duas aulas por semana: uma em grupo e outra individual. A aula em grupo era chamada por ele de "sessão técnica". Nós passávamos uma tarde (em torno de 4 horas) fazendo esse trabalho. Durante as sessões técnicas ele trabalhava os métodos mais conhecidos entre os trompetistas (Arban, Schlossberg, Stamp, Clarke...). Nessas classes participavam todos os alunos que estavam no período chamado pelos franceses de "aperfeiçoamento". O Patrick dividia a turma em dois grupos e fazia os exercícios sempre com repetições, da mesma forma como está estruturado o método do Dino Tomba. Apesar de todos os alunos



que participavam dessas sessões serem do ciclo de aperfeiçoamento, obviamente haviam níveis diferentes, mas era impressionante perceber às vezes a superação de dificuldades que alguns apresentavam. E isso acontecia, no meu entendimento, justamente por essa motivação que era seguir o ritmo do grupo. Somava-se a isso também o fato do professor fazer toda a sessão junto com os alunos. Essa era uma inspiração enorme durante todo o tempo que estávamos na classe.” (LINCK, 2016).

Na Escola de Música da OSPA as turmas são divididas por faixa etária: iniciantes, dos 13 aos 17 anos de idade e avançados dos 18 aos 27 anos de idade. A média é de 6 a 8 alunos por turma.

Na turma avançada, da qual faço parte, é realizada uma aula semanal com duração de quatro horas, estruturada da seguinte forma: aquecimento, estudos técnicos, execução de peças individuais frente ao grupo, execução de música de câmara com diferentes formações (duos, trios e quartetos). Essas etapas são permeadas por discussões e análises críticas abordando os conteúdos musicais e as dificuldades e facilidades de cada aluno.

Considerando o formato das aulas acima descritas, podemos afirmar se tratarem de aulas coletivas e não somente em grupo, ou *masterclass*, pois durante as quatro horas de aula todas as atividades são direcionadas a todos os alunos, mesmo que de diferentes níveis, havendo sempre a interação entre professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno. O momento mais próximo de um *masterclass* poderia ser o de execução das peças individuais, contudo, neste momento de atenção individual, todos os alunos participam ativamente da escuta e avaliação do colega, cabendo a todos a realização de sugestões que possam colaborar com os avanços do colega.

Aspectos Relevantes

Ao participar dessas aulas coletivas, com um grupo constituído por alunos de diferentes níveis e experiências musicais, foi possível observar diversas melhoras no desenvolvimento geral dos alunos no que se refere a quatro aspectos principais que descrevemos abaixo:

1) Aspectos Técnicos



Aspectos como a afinação, articulação, digitação, sonoridade, flexibilidade e fluência foram contemplados adequadamente nas aulas coletivas. No que se refere à afinação, por exemplo, o trabalho coletivo proporcionou desenvolver uma percepção mais apurada sobre as relações intervalares melódicas e harmônicas, o que, em uma aula individual, estaria restrita exclusivamente a curtos momentos de tempo onde aluno e professor discutem e executam exercícios sobre o assunto. Rodrigues (2012) fortalece tal observação quando afirma que o “ensino coletivo de instrumentos potencializa o campo da percepção e da audição pela possibilidade de estabelecimento de parâmetros sonoros, troca de ideias e conhecimentos aprendidos entre alunos” (p.29).

Em aspectos técnicos, como a articulação e a digitação, foi possível qualificar a prática através da observação do outro e da possibilidade de refletir sobre o assunto com o grupo. A sonoridade de cada músico não depende apenas de questões físicas, corporais, ou de instrumento utilizado. A sonoridade depende também de escolhas estéticas, que nas aulas coletivas puderam ser feitas a partir da audição de outras referências sonoras. Além do professor, a audição dos colegas pode auxiliar o aluno na escolha e amadurecimento de sua própria sonoridade. A flexibilidade é outro importante aspecto técnico para o trompetista: a agilidade da flexibilidade depende do controle do ar e do movimento dos lábios. Nas aulas coletivas foi possível compreender, a partir da observação, as melhores formas de execução.

2) Aspectos Interpretativos

Aspectos interpretativos tais como o fraseado, dinâmica e diferenças estilísticas puderam ser qualificados a partir das observações do professor e do estímulo para pensarmos coletivamente sobre nossas *performances* individuais. Numa aula individual o aluno executa o repertório e o professor faz as considerações ilustrando através de sua interpretação. Nas aulas coletivas, além de todos poderem comentar as *performances* individuais, outros fatores significativos foram observados, tal como o fato dos alunos de nível inferior poderem conhecer detalhes interpretativos de repertórios mais avançados que poderão fazer parte de seus estudos no futuro e dos alunos mais avançados serem estimulados a identificar deficiências interpretativas e propor soluções baseando-se em sua experiência.



3) Aspectos Comportamentais

Aspectos como a conscientização corporal e espacial, assim como a organização dos estudos, criticidade, convivência e compartilhamento de saberes foram observados. É comum haver dentre os músicos eruditos dificuldades em relação a apresentação pública, o formato das aulas coletivas pode colaborar efetivamente com a solução deste problema, pois em todas as aulas era necessário tocar uma peça ou estudo solo, assim, progressivamente, cada aluno foi vencendo seus medos frente ao público, melhora que pode ser comprovada nas constantes apresentações públicas realizadas.

Na organização dos estudos, o professor sempre ressaltava a importância de estudarmos em casa como se estivéssemos tocando com os colegas e, para isso acontecer, tínhamos que ter consciência de tocar e repousar como fazíamos em aula. O trompete é um instrumento que, por exercer grande pressão sobre a musculatura frágil dos lábios, necessita de estudo consciente intercalando momentos de execução e de pausa, formato que fundamenta a execução de exercícios técnicos em aula, como pode ser observado na citação do professor Tiago Linck.

Exercer a ação argumentativa de aspectos positivos e negativos ao ouvir a execução musical dos colegas sempre foi estimulada pelo professor da classe. Assim, além de desenvolver o senso crítico e analítico musical, é possível compreender a importância de cultivar um ambiente amigável e sem competição, onde todos trocam experiência e contribuem para o crescimento do outro.

4) Aspectos Afetivos

Nas aulas coletivas foi constante a motivação, o estabelecimento de vínculos, a troca de experiências e o desenvolvimento do controle emocional. O vínculo afetivo que se estabelece no grupo fomenta a motivação para o estudo, o acompanhamento progressivo do crescimento musical de cada colega gera referências positivas de aprendizado que impulsionam e fertilizam a busca pelo próprio desenvolvimento. Ao tocar uns para os outros, exercitamos o sentido da exposição, aprendemos a receber críticas de forma positiva e construtiva, fortalecemos nossa autoestima, confiança e segurança para tocar em público.



Considerações Finais

Partindo das vivências como aluno de trompete nas aulas de grupo, conclui-se que os benefícios do ensino coletivo de instrumento são inúmeros e efetivos. Entre eles o desenvolvimento de aspectos técnicos, interpretativos, comportamentais e afetivos do estudante. Ademais, configura-se em uma prática de ensino mais democrática por possibilitar uma maior abrangência em número alunos.

Baseando-se então, nas vivências e reflexões feitas, cremos que as aulas coletivas de instrumento musical podem contribuir substancialmente para a formação de músicos de diferentes níveis e não apenas para a musicalização. Outro fator significativo aqui evidenciado é o uso do ensino coletivo em uma escola de música tradicional, ou seja, baseada no modelo conservatorial europeu. Escola essa que prevê em seus objetivos a formação e qualificação de músicos para a inserção no mercado de trabalho da música de concerto.



Referências

LINCK, Tiago. **Tiago Linck**: depoimento [10 set. 2016]. Entrevistador: Leandro Libardi Serafim, 2016.

NEVES, Hirlânda M. **Ensino e aprendizagem no Conservatório de Música Joaquim Franco em Manaus**. Encontro Nacional da ABEM, 2008.

OSPA. **Escola de música da OSPA**. Disponível em: <http://www.ospa.org.br/?page_id=1251>. Acesso em: 25 ago. 2016.

RODRIGUES, Társila C. **Ensino coletivo de cordas friccionadas**: uma análise da proposta Metodológica de Ensino Coletivo de Violino e Viola do Programa Cordas da Amazônia. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Artes) - Instituto De Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

SANTAYANA, Rita. **Ensino coletivo de flauta transversal**: Um estudo de caso nas oficinas Culturais SESI-música. Trabalho de conclusão apresentado ao curso de especialização em Pedagogia da Arte, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

YING, Liu Man. **O ensino coletivo direcionado no violino**. Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Artes. Escola de Comunicação e artes. Universidade de São Paulo, 2007.

